

## O SONHO E A SINA: A ESSENCIALIDADE FEMININA

### O SONHO E A SINA: FEMALE ESSENTIALITY

Maria Leônia Garcia Costa CARVALHO<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo teve a pretensão de analisar, na obra “O sonho e a sina”, da escritora sergipana Núbia Marques, os discursos sobre a mulher, com o escopo de neles explorar não somente elementos que nos levem a melhor entendimento da condição da mulher na época em que foi escrito o romance, como também os efeitos de sentido desses discursos. Por tratar-se da análise de um discurso literário sob a ótica da AD pêcheuxtiana, utilizamos, minimamente, algumas noções da teoria literária, ao esclarecer questões relativas à obra, e a teoria do discurso procurando unir a Linguística, a História e a Psicanálise na análise do *corpus* selecionado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Escrita de si. Análise do discurso. Gênero feminino.

**ABSTRACT:** This article had the intention of analyzing the discourses about women, in the work “The dream and the sina”, by the Sergipe’s writer Núbia Marques, with the scope of exploring not only elements that lead us to a better understanding of the woman’s condition at the time the novel was written, as well as the meaningful effects of these discourses. Since it deals with the analysis of a literary discourse from the standpoint of Pêcheux’s discourse analysis, we use minimally some notions of literary theory, clarifying issues related to the work, and discourse theory seeking to unite Linguistics, History and Psychoanalysis in analysis of the selected corpus.

**KEYWORDS:** Literature. Writing of self. Speech analysis. Feminine gender.

### Introdução

A cadeira de balanço na obra *O Sonho e a Sina* da escritora sergipana Núbia Marques mantém uma relação essencial com o tempo da narrativa: relaciona-se com o presente, uma vez que representa o espaço a que foi reduzida aos setenta anos de sua existência e com o passado, ao despertar-lhe as lembranças, dores e sentimentos vividos ao longo da vida. Percebe-se na obra uma inquietação fundamental, inquietação que a move, leva-a a escrever e a tentar descobrir-se por meio da escrita. Apreender a si mesma, no entanto, inclui o confronto com o outro.

O gingar da cadeira de balanço imprime um ritmo particular ao romance, no vai e vem confuso das lembranças que se alternam no tempo, em que presente e passado se intercambiam e se entrelaçam no fluxo da consciência do narrador

---

1. Profa.do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Sergipe. Email: marialeoniagarcia@yahoo.com.br.

onisciente. Entre estes dois movimentos do ir e vir da cadeira de balanço, há uma tensão permanente no interior da obra, tensão gerada não só pelas lembranças acionadas, mas pelas inquietações e questionamentos feitos, talvez na tentativa de obter respostas, explicações para os fatos ou arriscar-se esclarecê-los. O mergulho no passado leva-a ao fundo do poço: às origens do ser e às contradições da sociedade em que vive.

O livro em análise, ainda que publicado no ano de 1998, reflete toda uma conjuntura ideológica e social da primeira metade do século XX e início da segunda, fazendo referência, inclusive, a fatos que ocorreram na década de 1940, período da segunda guerra mundial, o que nos leva a inferir que ou foi escrito em época anterior, ou rememora fatos antecedentes relacionados à vida da autora. Também faz referência às décadas de 1950 e 1960, ao fazer alusões a mulheres que eram ícones de beleza da época (Marilyn Monroe, Brigitte Bardot), à chegada da mídia televisiva e à ditadura militar.

Tudo indica que se trata de uma “escrita de si”, não apenas por ser narrado em primeira pessoa, mas pelas semelhanças que apresenta com a biografia da autora. Sergipana de nascimento, Núbia passou sua infância em Aracaju; em sua mocidade, viveu no Rio de Janeiro, frequentou o curso de Belas Artes, dedicou-se à escrita, escrevendo romances e poesias. Ao voltar para Aracaju, na década de 1950, fez concurso para o estado lecionando como professora de Português e Literatura e, posteriormente, sendo docente da Universidade Federal de Sergipe.

Pretende-se, nesse trabalho, analisar sob a ótica da Análise do Discurso de linha francesa os discursos sobre a mulher, presentes na obra *O sonho e a sina*, da autora sergipana Núbia Marques, com o intuito de neles explorar não somente subsídios que nos levem a melhor entendimento da condição da mulher na época em que foi escrito o romance, como também os efeitos de sentido desses discursos.

Intenta-se, também, observar, nas práticas discursivas da personagem feminina, o ser desejante, ou seja, o ser da linguagem e do desejo que se manifesta não apenas pelos lapsos e furos da escrita, mas por trazer em si “a ambiguidade e o equívoco que mantém a tensa relação entre o dentro e o fora, entre o corpo do sujeito e o corpo social”(ORLANDI, 2006). Para realizar tal intento, cabe aqui esclarecer que pensar o contraditório movimento dos dizeres sobre temas como estes não significa que tais discursos caminhem por si mesmos, pois mesmo partindo da ótica de um dado sujeito, eles são processuais e se efetivam nas práticas sociais.

Por tratar-se da análise de um discurso literário sob a ótica da AD pêcheuxtiana, utilizamos, minimamente, algumas noções da teoria literária ao esclarecer questões relativas à obra, e a teoria do discurso procurando unir a Linguística, a História e a Psicanálise na análise do *corpus* selecionado. Recorremos,

ainda, a dados da história de Sergipe, com a finalidade não só de elucidar fatos ou de circunstanciar o período abordado, mas de construir uma forma de conhecimento particular a um objeto específico. Na constituição do *corpus* para análise, selecionamos segmentos discursivos da obra em estudo, relacionados ao tema explorado e aos objetivos perseguidos.

Por questão de sistematização, dividimos o trabalho em três seções distintas: 1. A obra *O Sonho e a Sina*: uma escrita de si? 2. A mulher na obra de Nubia Marques *O sonho e a sina*; 3. A mulher essencial (análises).

### A obra *O sonho e a sina*: uma escrita de si?

O título do livro de Núbia Marques *O Sonho e a Sina*, publicado em 1992, leva-nos a um primeiro estranhamento. As palavras **sonho** e **sina**, embora tenham em comum fonemas sibilantes e nasais que lhes dão certa similitude, contrapõem-se, pois pertencem a campos semânticos distintos. O termo **sonho** traz a ideia de desejo, aspiração ou devaneio. É bem certo que, no desejo, há um devaneio, ambos estão no campo da abstração, da fantasia, de algo bom que projeta a ideia de realização e se arroja para um futuro próximo ou distante. Já a palavra **sina** tem em si um sentido negativo de destino, fado, fatalidade, algo a que supostamente todos estão sujeitos, portanto indica algo mais previsível, do qual nem sempre se escapa. Como o conectivo que une os dois termos (e) dá ideia de adição, pressupõe-se, já no primeiro contato com o título da obra, a existência de um personagem cujos sonhos se frustraram e não escapou da sina.

Núbia Marques, ao dedicar seu livro à colega de profissão que agora o estuda, diz tratar-se ele da “saga de uma mulher sergipana que tem no desejo o estímulo”. Essas palavras da própria autora levaram-nos a procurar a relação entre sonho e desejo, embora como já dito anteriormente, considerava que a primeira sugeria a presença da segunda. Procurei explicações em Lacan (2005, p.45) que, ao inquirir Freud sobre a interpretação do desejo, conclui: “Retomo: o sonho, portanto, é uma metáfora que torna presente a dimensão do desejo, mas isso ainda não nos diz o que é esse desejo como desejo inconsciente”. Mais adiante, ele completa: “O desejo inconsciente não se deduz do discurso explícito, aproxima-se como significado através da metáfora.”

Ainda conforme Lacan (1966 *apud* ORLANDI, 2009, p. 44), a metáfora seria a tomada de uma palavra por outra. No entendimento da AD, metáfora seria “transferência”. Dito em outras palavras, não há sentido sem metáfora; assim, é por transferência que elementos significantes se revestem de um sentido.

Na obra *O Sonho e a Sina*, Anastácia é a personagem principal do romance, que, ao ritmo da sua cadeira de balanço, narra acontecimentos passados e presentes, trazendo à tona os sonhos acalentados em relação à família, à realização pessoal e profissional como mulher e docente, e a sina que carrega em função da não concretização desse sonho. A cadeira de balanço, na obra em estudo, tem uma relação essencial com o tempo da narrativa: relaciona-se tanto com o presente, uma vez que representa o espaço a que foi reduzida Anastácia, aos setenta anos de sua existência, quanto com o passado, ao trazer-lhe à memória as lembranças, dores e sentimentos vividos ao longo da vida.

Narrado em primeira pessoa, percebe-se, na linguagem da autora, Núbia Marques, uma inquietação fundamental que a move, leva-a a escrever e a tentar encontrar-se por meio da escrita. Seu estilo é a própria forma como sua história se desenvolve e se alarga, numa estrutura ficcional em que há o entrelaçamento de realidade e fantasia. Núbia fala sobre o drama de existir, a dor do desencontro entre sonho e realidade, retomando em todo percurso da obra essa sua falta-a-ser, a impossibilidade de realização do sonho, do desejo. Aprender a si mesma, no entanto, inclui, necessariamente, o confronto com o outro, ou melhor dizendo, com todos aqueles que fizeram parte direta ou indiretamente de sua história.

O gingar da cadeira de balanço imprime um ritmo particular ao romance, no vai e vem confuso das lembranças que se alternam no tempo, em que presente e passado se intercambiam e se entrelaçam no fluxo da consciência do narrador. Entre estes dois movimentos do ir e vir da cadeira de balanço, há uma tensão permanente no interior da obra, tensão gerada não só pelas lembranças acionadas por Anastácia, mas pelas inquietações interiores que se traduzem por meio de indagações, questionamentos, talvez na tentativa de obter respostas, explicações para os fatos ou arriscar-se a esclarecê-los. O mergulho no passado leva-a ao fundo do poço: as origens do ser, suas fantasias, anseios e pretensões da juventude, as decepções e contrariedades da idade adulta e as contradições da sociedade em que vive. Representa o ser desejante em constante conflito com o ser social.

A cadeira de balanço é a metáfora de um elemento móvel e incerto (o tempo?) a transportar Anastácia em seu curso de vida. A própria estrutura do romance nos remete à ideia do balanço da cadeira em seu contínuo gingado. Antes do capítulo primeiro, há um pequeno texto nomeado de “Entretempo” dando-nos a ideia de preparação para uma viagem, viagem que, segundo a autora, “pode ser busca ou fuga”. Sucedem-se três capítulos e novamente outro “Entretempo” e assim sucessivamente, no decorrer da obra a cada três ou quatro capítulos. Eles falam de malas, de aeroporto, avião, hotel, viagem, amigos, estudos, Bernardo,

Jeremias... O Rio de Janeiro é o seu destino preferido, traz-lhe lembranças da infância, da mocidade: “Essa cidade se relaciona comigo. Duas vezes, dois tempos de amor. Outras vezes tempo de busca, a quinta da Boa Vista enchendo meus olhos de um verde jamais abandonado pela minha esperança” (p. 66).

Entre os entretempos, os capítulos se sucedem trazendo momentos diversos da vida de mãe e professora: as vigílias com o filho pequeno, ocasiões em que esteve hospitalizada; relacionamento com os filhos, com os vizinhos; alegrias, tristezas e decepções da vida e do ofício da docência; a chegada dos netos; a velhice e o desamparo; os programas de televisão a que assiste, as dificuldades e desilusões recorrentes, enfim o sofrimento e a perspectiva do fim. Após o último “Entretempo”, sucedem-se os quatro últimos capítulos do livro, nomeados: O Confronto; O Retorno; Antetempo final e Tempo final, apontando para o embate de Anastácia consigo mesma, o retorno ao passado por meio das lembranças, o declínio do ser e a morte.

Aos oitenta anos de vida, Anastácia faz o balanço de sua vida. É como se, de repente, ela tomasse ciência de que todos as suas ações como mãe e como professora, sua luta incessante em prol da família e da educação fora em vão. As indagações surgem: “O que sobrou ou faltou no meu amor materno? Em que ponto Ernesto despencou fora da vida? Faço análise de consciência. Me perco. Me vêm aos olhos as milhares de provas que eu corrigi, as palavras alucinadas! Alucinação é uma forma de não aceitar a vida.” (p. 121) Percebe, então, que sua casa já não é a mesma, encontra-se vazia e solitária: “O nada e a sensação de vazio tomam conta dos espaços da minha geografia interior.” (p. 144).

Contraditoriamente, ao mesmo tempo em que se sente alucinada, desconfortada com a vida passada, Anastácia tenta resgatar o tempo de outrora por meio da imaginação; reinventa as mesmas atividades que antes realizara como mãe e professora, na tentativa de vencer o vazio e a solidão da noite:

Reinvento uma situação dentro da noite. Tentando abraçar como tenazes as horas, o tempo perdido ou não, a linha cosendo um tecido preso aos meus dedos. O dedal, a caneta corrigindo provas, as mãos imersas no sabão alvejando as roupas, a colher de pau rodando os alimentos na panela, o pisar cuidadoso dentro da noite no embalo dos filhos, o morrer a cada minuto refazendo a vida. (p. 145).

A leitura da obra em questão levou-nos a perceber, em sua tessitura, a presença de uma voz singular, proveniente de um sujeito que se constitui pelo efeito das lembranças e retomada de tempos idos, reflexões sobre a vida, rupturas de suas convicções, redefinição de seus conceitos e mutações profundas em sua for-

ma de ver o mundo, as pessoas, a vida. Sente-se, ao longo de um relato solitário e sofrido, que se trata de uma escrita de si. Conforme Orlandi: “A escrita de si é uma relação do sujeito com a história, subtendendo é claro, sua relação com o simbólico. A inscrição do sujeito na letra é um gesto simbólico-histórico que lhe dá unidade, corpo, no corpo social.” (ORLANDI, p.24, 2006).

Ainda que as fronteiras entre realidade e ficção sejam de difícil alcance para o leitor ou analista, diz-nos Nina Leite (2006, p. 176): “[...] os efeitos de transmissão não dependem necessariamente de uma experiência vivida, podendo ser tecidos inteiramente no âmbito ficcional (seria isto uma demonstração da afirmação de Lacan de que a verdade tem estrutura de ficção?)”.

Hurstel, citado por Maia (2006, p.34), ao refletir sobre a palavra explícita ou silenciada como mensageira em si mesmo das causas e condições de sua produção e, avaliando que todo ato de linguagem implica um sujeito falante que se faz sujeito através da/e pela palavra, pondera que é possível entender o sujeito como um ser angustiado e aperfeiçoado pela linguagem; um ser da linguagem e do desejo. Sujeito do desejo pela falta que o origina como sujeito e que o divide para que possa viver a linguagem e falar, porque “o sujeito só existe na ordem da linguagem e da palavra e que sua constituição não é efeito da relação do ser humano com o social, mas um efeito de sua relação com a linguagem”.

Embora haja concordância com as ideias de Hurstel em relação à ação da linguagem e das palavras sobre a constituição do sujeito, tenho restrições quando diz que sua constituição não é efeito da relação do ser humano com o social. Ora, os homens se relacionam por meio da linguagem, mas não só através de palavras, pois há outras formas de comunicação entre eles, outras linguagens que possibilitam a interação social. Por outro lado, a linguagem humana é simbólica, formada por signos e surgiu de uma necessidade de viver em sociedade. Não é possível definir a categoria de sujeito de forma isolada, mas apenas no contexto de uma formação social específica e das representações individuais e coletivas que nela se constroem. Daí pensar a questão do sujeito implica essencialmente pensar o caráter do social, ou a natureza das relações sociais e da forma como elas se fundam.

### **A mulher na obra *O sonho e a sina***

A questão da mulher perpassa toda a obra *O Sonho e a Sina*. Anastácia se destaca na narrativa, não apenas por ser personagem central, mas pelo fato de ser um narrador onisciente e onipresente assumindo, portanto, o comando da história sob uma ótica feminina. Por tratar-se de uma escrita de si, ela detém o do-

mínio das lembranças, dos fatos ocorridos ou fracassados, das perspectivas que nutre em relação à vida presente ou futura, constituindo-se sujeito do discurso e, portanto, sendo afetada pela ideologia patriarcal, ainda muito presente em terras sergipanas nas décadas de 1940 a 1970, época a que se refere a narrativa, uma vez que Anastácia faz referência ao torpedeamento de navios pelos alemães no mar de Sergipe, fato realmente ocorrido durante a segunda guerra mundial na década de 1940 e, em outra oportunidade, faz alusão às prisões políticas de 1964, época do governo militar no Brasil e em Sergipe.

Como sergipana, Anastácia viveu em Aracaju, num momento em que algumas mulheres já haviam conquistado o direito ao voto, à educação e um certo espaço social, mesmo às custas de muitas lutas. Pela primeira vez na história, elas estavam dando um passo importantíssimo: sua inserção no mundo profissional. Mas essa liberdade era só o começo de uma longa estrada, cheia de novos obstáculos que iriam surgir no seu percurso.

Em uma das ocasiões em que volta do Rio de Janeiro, lugar de onde tem boas recordações, Anastácia fala que alguns de seus amigos vão despedir-se dela e desejam-lhe votos de feliz casamento, mas, em nenhum momento, diz quando, nem com quem casou. Em sua narrativa, faz inúmeras menções aos filhos Menandro, Melânia e Ernesto, pelos quais demonstra muito amor, preocupação com a educação e o futuro, no entanto em nenhum momento se refere ao pai. Anastácia assume ao mesmo tempo a paternidade e a maternidade, como muitas mulheres brasileiras, e nisto está sua maior virtude. Em dois momentos de sua vida, renuncia a amores que surgem em seu caminho, ao pensar em seus rebentos.

Como mulher independente, formou-se como professora, exercendo sua profissão como docente do Estado, administrando com seu precário salário sua vida pessoal e financeira. Foi chefe de família, cuidou sozinha de si e dos três filhos, diferindo de muitas outras da época que ainda viam o casamento como forma única de sobrevivência e realização, subordinando-se a uma vida de contenção e de subserviência ao marido. Enfrentou de cabeça erguida a discriminação da sociedade em relação às mulheres que viviam sós por serem mães solteiras, ou por terem sido abandonadas pelos maridos, ou por não por terem se curvado a uma vida de humilhações e servilismo e desquitaram-se, como em seu caso.

Como docente do ensino público, indigna-se com o descaso do governo em relação à educação, com a falta de uma estrutura ínfima para o desenvolvimento de um ensino de qualidade, com as péssimas condições das escolas, o tratamento indigno que era dado pelo Estado aos alunos e professores, a falta de segurança das escolas, alimentação inadequada, os baixos salários, entre muitas outras questões ainda presentes em nossos dias.

Sem dúvida, Anastácia foi uma mulher que se distinguiu da grande maioria. Além de assumir sozinha o sustento de sua vida e de sua família, sempre teve opinião própria, era bastante crítica ao sistema e ao governo. Ao mesmo tempo, era extremamente lúcida e humana, a ponto de sofrer com as arbitrariedades do sistema político e com os problemas sociais. Por ter vivido num momento de emergência das telecomunicações, em muitas ocasiões faz alusões à televisão, ora como algo benéfico por espantar-lhe a solidão e servir-lhe de companhia em seu final de vida, ora como algo ruim, maléfico, enervante.

Aos setenta anos de vida, aposentada e com problemas de saúde, faz uma avaliação da própria vida, ao ritmo da cadeira de balanço que a embala e lhe traz recordações do passado: a correria para criar e educar os filhos, as vigílias noturnas quando adoeciam, a vida de professora e as dificuldades que teve de enfrentar ao longo da vida, a velhice, a solidão: “Minha cadeira de balanço é o espaço a que me reduziram. O balanço ginga no grande oceano que tive de enfrentar nas tempestades, nas dificuldades da vida. Guerreira ou mártir sou síntese dos rotulados inúteis. Do alto dos meus setenta anos me pergunto: Errei? Quando? Onde? Por quê?” (p.04). Tais indagações refletem o desencanto com a vida, a profissão, com a velhice, com o país.

### A essencialidade feminina (análises)

A escolha do tema que nomeia esse item se deve ao título do capítulo IV da obra *O sonho e a sina*, intitulado como “A mulher essencial”, em que Anastácia, personagem central, ao mesmo tempo em que fala do papel destinado à mulher numa sociedade conduzida por uma ideologia patriarcal, questiona-o, contesta-o, contrapõe a esse papel por meio do sonho, próprio ao ser desejante.

Ao constituir nosso *corpus* de análise, selecionamos do romance em estudo sequências discursivas (SD) que se referem a essa “essencialidade feminina” tão propagada na materialidade discursiva da época em que se desenrolou a história e retomada de forma tão veemente por Núbia Marques, com contornos de quem viveu e experimentou o poder de uma ideologia que dita comportamentos e tolhe a liberdade e a expressão.

Segundo Tfouni & Tfouni (2016, p. 168): “Partindo da ideia de que o sujeito essencial, original, não existe; e de que a ideia de que não somos fabricados e que somos um sujeito de essência é um efeito ideológico, a alternativa é aceitar, como Althusser, que ele é construído socialmente.” Essas são as palavras de Althusser,



“[...] esta evidência de que eu e você somos sujeitos- e que isso não crie um problema – é um efeito ideológico. O efeito ideológico elementar.” (1985, p. 284).

Pêcheux (1988), por sua vez, postula a divisão do sujeito do discurso quando, ao recorrer a Henry (1974) para compreender como se processava a apropriação subjetiva dos conhecimentos da ciência e da política, passa a admitir seu desdobramento constitutivo em um ‘sujeito da enunciação’ (o que assume um posicionamento com conhecimento de causa, liberdade e responsabilidade por seus atos) e um ‘sujeito universal’ (sujeito da Ciência ou do que se pretende como tal).

A forma-sujeito seria, portanto, resultante da relação entre o pré-construído (sujeito universal) e o efeito transversal (o sujeito em sua relação com o sentido), derivando-se em diversas modalidades de posicionamento do sujeito no discurso; entre elas, o ‘bom-sujeito’, aquele em que o sujeito da enunciação se superpõe ao sujeito universal, e o ‘mau-sujeito’, decorrente de um distanciamento de uma dada formação discursiva, quando o sujeito do discurso questiona, duvida, contesta, luta contra a evidência ideológica, voltando-se contra o sujeito universal, mesmo que não o desabone. São os contradiscursos, eles se apresentam, muitas vezes, como forma de reorganizar, dar nova orientação às FDs, ou seja, aos saberes que nela se produzem.

Por outro lado, Pêcheux, ao trazer a concorrência da Psicanálise para a laboração do sujeito, dá vez ao inconsciente e, portanto, ao ser desejante. Levando-se em conta que o sujeito do discurso se faz sujeito através e pela palavra, é possível situá-lo, também, “como ser atormentado e contornado pela linguagem, um ser da linguagem e do desejo” (MAIA, 2016, p. 34). Considerando-se a linguagem como fruto das relações entre os homens, por conseguinte, social e histórica, torna-se impossível abandonar o componente sócio ideológico do sujeito do discurso.

Na análise dos discursos sobre a mulher, presentes na obra *O Sonho e a Sina*, serão consideradas as questões aqui apanhadas e discutidas acerca do sujeito do discurso, bem como as formações discursivas e ideológicas que atravessam tais enunciados. Percebe-se neles, também, a presença dos muitos interdiscursos correntes na sociedade sergipana acerca do papel da mulher na família e sua essencialidade. Observem-se os segmentos discursivos retirados do romance em análise:

SD1- A família está nas mãos da mulher. Prestígio ela pouco tem. Autoridade nasce e morre no batente da casa. Ela entende de diarreia e chás, do pirão. Nesse papel a colocaram e cobram tudo que lhe diz respeito. O discurso reacionário diz que elas tudo podem. São donas das vidas dos homens. As filhas de Evas supremas nos caminhos da vida”. (MARQUES, 1998 p.23).

Conforme dito antes, há nessa sequência discursiva pré-construídos sobre o papel da mulher que até hoje são ditos, repetidos e pouco questionados: “A família está nas mãos da mulher”; “Ela entende de diarreia e chás, do pirão.”; “São donas das vidas dos homens.”. Tais aforismos confirmam o ideal de mulher erigido pela sociedade patriarcal e endossado por seus membros, o de cuidar da família reservando-lhe um lugar subalterno e definido, o lar. Ao serem retomados esses interdiscursos, no entanto, percebe-se o lugar em que se coloca a enunciadora, não como alguém que endossa o que é dito e repetido socialmente, mas como alguém que, embora adote esse papel, distancia-se desse saber, pois entende o mecanismo utilizado na regulação dos dizeres e discorda deles, questiona-os e ironizando o que é dito.

Ao dizer “Prestígio ela pouco tem. Autoridade nasce e morre no batente da casa. [...] Nesse papel a colocaram e cobram tudo que lhe diz respeito”, o sujeito do discurso não apenas evidencia o conhecimento da função ideológica delegada à mulher na sociedade patriarcal, como ainda, de forma bastante perspicaz, faz referência à sua falta de prestígio e de autoridade em seu meio social e à cobrança que lhe é infligida pela sociedade. Utiliza um tom eivado de ironia ao referir-se ao que chama “discurso reacionário”: “O discurso reacionário diz que elas tudo podem. São donas das vidas dos homens. As filhas de Evas supremas nos caminhos da vida”. Mobiliza, assim, uma dupla leitura, ao afirmar justamente o contrário do que quer dizer. Ao utilizar o nome bíblico feminino no plural e atribuir-lhe o adjetivo “suprema”, ela suscita uma imprecisão de sentido, que só os leitores mais astutos conseguem captar.

Segundo Brait (1996), a ironia tem como essência a ambiguidade. O produtor da ironia busca formas bastante sutis de chamar a atenção do interlocutor para seu discurso, exigindo sua argúcia para reconhecer tal sutileza, e, assim, sua adesão.

SD2- A ciência avança, novas descobertas, muitos esclarecimentos em torno da vida, a genética já caminha para fabricar um homem mecânico tal qual um homem de carne e osso. [...] Mil pernadas deram os sábios, mas o discurso da maternidade continua o mesmo. A mulher é o símbolo intrigado das filosofias. Mulher tem que ser renúncia, ternura, afabilidade, submissão. A essencialidade feminina! (MARQUES, 1998, p. 24).

O segmento acima demonstra muito bem a clarividência que a forma-sujeito do discurso mostra em relação ao atraso social. Parte de uma reflexão acerca dos avanços científicos, das diversas elucidações em torno da vida, da evolução da genética, para assumir uma posição crítica ante o atraso ideológico: “o discurs-

so da maternidade continua o mesmo”. No entanto, embora se manifeste contra essa evidência, contra identificando-se com a formação discursiva (FD) que lhe é imposta pelo interdiscurso, como determinação externa de sua interioridade subjetiva, não rompe totalmente com ela. Seu contradiscurso, contudo, é uma forma de rebelar-se, de posicionar-se, de dar nova orientação às FDs, ou seja, aos saberes que nela se produzem.

SD3- “Onde está a essencialidade feminina? São ou não são mulheres? A brutalidade do trabalho cotidiano está na essência do pão de cada dia. Minha mãe tinha uma amiga que criou os seis filhos, herança da viuvez, na máquina de costurar, sem previdência social, sem aposentadoria, dia e noite girando com os pés a máquina. Ainda mão elétrica [...] Domingos e feriados eram dias úteis. Não cuidam dos cabelos nem da elegância.” (MARQUES, 1998, p. 25).

Novamente, a forma-sujeito do discurso questiona a essencialidade feminina tão decantada na sociedade, a dureza de ser mulher diante do machismo e patriarcalismo. As consequências que sofrem as mulheres ao enviuvarem, ao serem abandonadas, ou decidirem pela separação. Desse modo, traz uma crítica à sobrecarga atribuída à figura feminina, responsabilizando-a pela educação e criação dos filhos, e, quando estes não correspondem ao que a sociedade deles espera, a culpa sempre recai sobre a mãe: “Útero arcabouço social. Bêbados e ladrões existem porque as mães não educaram”.

SD4- Na verdade, o que é essencial é a beleza ou a riqueza? Fiquei embananada! A riqueza é uma das formas de beleza? Minha mãe sempre me dizia: mulher tem que caprichar na aparência. Tem que estar perfumada e bem vestida para receber o marido: “quem não se enfeita por si se enjeita.” Homem não tem que estar cheiroso e bem vestido para sua mulher? O capricho, o cuidado partem das mãos femininas. Já vi mulheres entrarem mangue a dentro com lama pelas virilhas, colher ostras, sururus depois de remar uma hora carregando a canoa, sem vela, tudo para alimentar a ninhada de filhos que as esperam sujos, rotos e famintos. Onde está a essencialidade feminina? São ou não são mulheres? (MARQUES, 1998, p.24).

A narradora questiona a figura da mulher essencial que a sociedade espera: “Na verdade, o que é essencial é a beleza ou a riqueza?”. Fica confusa ao descobrir que a riqueza é uma forma de beleza. Lembra, então, dos discursos que sua mãe lhe dizia: “mulher tem de caprichar na aparência. Tem que estar perfuma-

da e bem vestida para receber o marido”, “quem não se enfeita por si se enjeita”. São formações discursivas, que, de tão repetidas em forma de provérbios e ditos populares, são tidas como verdades, no entanto resultam de uma ideologia que subverte a ordem das coisas.

O discurso de Anastácia ostenta um tom de repúdio a essa ideologia que só cobra das mulheres. Argui, então, a sociedade por meio de perguntas bastante ardilosas: “Homem não tem que estar cheiroso e bem vestido para sua mulher?”. Faz referência, então, às mulheres que enfrentam um duro trabalho para alimentar os filhos e sobreviver e, mais uma vez, que não têm como se enfeitar e, por não corroborar com essa ideologia, pergunta-se onde está essa dita essencialidade, comportando-se como um “mau sujeito do discurso”, uma vez que contesta o Sujeito universal.

No último capítulo do livro, intitulado Tempo Final, Anastácia, já no declínio da vida, é instigada a olhar para dentro de si a fim de conhecer a si mesma. Faz, então, uma análise sobre a maternidade, refletindo sobre o que viria a ser uma mãe, ao questionar a imagem de um mito da TV:

SD5 – As cores leitosas da TV em preto e branco enchem o quarto. A figura de um dos seus mitos aparece com o conselho providencial: “Dê o peito ao seu filho, o leite materno é o melhor alimento”. Do cordão umbilical ao seio corre a vida. Me bato nas contingências. Reluto, mas devo pisar o maior abismo. O tempo cai terrível em mim. Afasto-o com força da minha convicção. Debalde. O colo deserto de contos de ninar é engolido pelos estigmas adotados na sociedade. No desvario, vejo o trabalho urdido cada noite, cada dia, lutando para que meus filhos fossem maiores do que meu sonho, minha sina e a ineludível dificuldade de ser cidadã, sendo mulher. (MARQUES, 1998, p. 150).

Procura em vão afastar de si a ideia do seu tempo de vida que se esgota. E retoma seus pensamentos: “Do cordão umbilical ao seio corre a vida.” O discurso de Anastácia ajusta-se como uma luva. Ortner (1979) muito bem coloca essa questão. Segundo ele, o fato de a mulher amamentar o filho com leite materno reflete numa associação social do confinamento feminino ao contexto familiar doméstico, função que prioriza a ligação íntima da mulher com a família, com o lar e com os filhos.

Entretanto, mesmo dentro do contexto doméstico, a mulher não se destina somente à condição de provedora que alimenta e cuida das crianças. Ela também participa ativamente do processo de socialização, ensinando aos filhos os meios adequados de comportamento e formas de participação no processo cultural

(ORTNER, 1979). Portanto, as funções fisiológicas da mulher que a determinam a uma maior proximidade com a natureza e com os seus filhos são frutos também de um comportamento social ao qual ela está submetida. O recorte discursivo abaixo muito bem exemplifica isto:

SD7- Bernardo encosta seu rosto no meu. Uma tépida ternura nos envolve. “Anastácia vamos casar?”. As palavras de Bernardo me ferem como estilete. Tudo desaba em meus pés. Gaguejo. Não respondo. Ele desenlaça seus braços da minha cintura, me olha nos olhos. Estou muda. O desamparo me cerca. Balbucio algumas palavras, entre muitas... E meus filhos? (MARQUES, 1998, p.39).

O diálogo acima é muito representativo de como o sentimento de maternidade, o amor e a responsabilidade maternos suplantam o desejo de realização pessoal. Por duas vezes, Anastácia se envolve com alguém, vê a possibilidade de realizar-se como mulher, de ter alguém com quem compartilhar sua vida, seus sonhos, mas aí surge o sentimento adverso: “As palavras de Bernardo me ferem como estilete. Tudo desaba a meus pés. Gaguejo. Não respondo”. O silêncio de Anastácia é muito maior e mais significativo que as palavras que poderia ter dito naquele momento. Em sua interpretação, é necessária a percepção incessante do movimento dos sentidos que nele se esboçam:

[...] o silêncio reflete a constituição também contraditória e incessante do sujeito que, através dos indícios conscientes ou inconscientes, deixa transparecer o histórico e o ideológico das relações que estabelece com os outros e com o mundo. (CARVALHO, 2012, p. 61).

O silêncio de Anastácia, os sentimentos que se desencadeiam após o convite de Bernardo, sem dúvida, são fruto de todo um movimento contraditório e obstinado que se processa no interior do sujeito, em que pensamentos, sonhos, desejos, entram em conflito com ideologias, coerções, compromissos, amor e uma série de questões que só sabe quem vive tal momento. Mas as últimas palavras balbuciadas pelo sujeito do discurso, apontam a direção que ela tomou: “E meus filhos?”. Ou o amor materno falou mais alto, ou o apelo ideológico foi mais forte.

Com a velhice, vem a sensação do colo vazio, presente na bela metáfora presente na obra: “[...] o colo deserto dos cantos de ninar é engolido pelos estigmas adotados na sociedade” (p.149). Os filhos desertam, constroem suas vidas, a velhice traz as lembranças do “trabalho urdido cada noite, cada dia, lutando para que meus filhos fossem maiores do que meu sonho, minha sina” (p.150).

Anastácia, então, busca em si aquele ser desejante cujo devaneio se dissipou na luta cotidiana por tornar seus filhos maiores que seu sonho. Um sonho que se transformou em sina: o isolamento, a solidão, a impotência física decorrente da velhice, fatalidade a que todos estão sujeitos.

De seus três filhos, por quem tanto lutou, Ernesto se envolveu com drogas, Menandro tornou-se um “bunda-mole” que se submetia a tudo e a todos e Melânia nega-se a submeter-se ao marido e a ser uma simples “burocrata da Medicina”. Percebe que dos três, Melânia é a que mais se identifica com ela: “Somos da mesma massa. Barro condenado ao fogo, nunca para ser moldado, mas incinerado” (p.106). A conclusão a que chega Anastácia já ao final da vida é que, dentre seus filhos, apenas Melânia, a única filha mulher, é como ela, pois não se deixa conformar aos padrões de uma sociedade que luta por conservar o barro sempre maleável a seus propósitos dificultando, em especial, ao gênero feminino a conquista de seus direitos de cidadã.

Tais análises indicam que as mudanças se dão mais na forma dos discursos, no aparente deslocamento discursivo de um ser desejante que luta por reverter um quadro social existente, mas não consegue transcender a formação discursiva de uma ideologia patriarcal, cujo objetivo maior é a adaptação às regras sociais.

### Considerações finais

Ao examinar os discursos relacionados à mulher na obra *O sonho e a sina*, da autora sergipana Núbia Marques, o alvo era explorar elementos que levassem a um melhor entendimento da condição da mulher na época em que foi contextualizada a narrativa, décadas de 1940 a 1980, período em que houve mudanças graduais na sociedade, sobretudo em relação à inserção da mulher no mercado de trabalho, bem como ter conhecimento dos discursos que eram disseminados a respeito de seu papel e os efeitos de sentido que ocasionavam.

Em relação às mulheres, embora muitas tenham alçado voos ao conquistar, na década de 1930, direitos que lhes eram negados, como o de votar e de candidatar-se a cargos públicos, tenham ampliado o seu acesso à educação e demarcado novos espaços, ainda continuaram a exercer papéis de esposa, mãe, dona de casa, ampliando sua jornada de trabalho e, muitas vezes, sendo cabeça da família.

Os discursos sobre a “essencialidade feminina” permaneceram presentes no meio social por meio dos interdiscursos, reproduzindo formações ideológicas sedimentadas socialmente a respeito do papel atribuído secularmente ao gênero feminino e interferindo na produção de sentido de novos enunciados que refor-

çam a ideologia patriarcal e o machismo existentes no meio social robustecendo, assim, o estigma da “mulher essencial”.

Núbia Marques, em sua obra, demonstra a sensibilidade e lucidez de um artista que, mesmo já em outra dimensão, torna-se presente por meio de seus discursos. Sua narrativa, embora permeada pela ficção, pauta-se numa realidade vivida, sentida, cultivada e revelada por meio de seus dizeres, que denotam toda uma experiência e um saber objetivos a despeito de uma subjetividade que teima em se manifestar.

## Referências

- ALTHUSSER, L. P. *Aparelhos ideológicos de Estado*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- BRAIT, B. *Ironia numa perspectiva polifônica*. Campinas: UNICAMP, 1996.
- CARVALHO, M. L. G. C. C. *A Construção de uma discursividade feminista em Sergipe: a revista renovação na década de 1930*. São Cristóvão, Ed. UFS, 2012.
- HENRY, P. E. *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Campinas: UNICAMP, 1992.
- LACAN, J. *O Seminário. Livro 11- os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Texto estabelecido por Jacques Allain-Miller; tradução de MD Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998
- \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LEITE, N. Escrita e transmissão da experiência. In: MARIANI, B. (org.). *A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e psicanálise*. São Carlos: Claraluz, 2006. p.175-184.
- MAIA, M. C. G. O lapso da escrita como refúgio do sujeito. In: MARIANI, B. (org.). *A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e psicanálise*. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 31-44.
- MARQUES, N. *O Sonho e a Sina*. Manaus: Editora Umberto Calderaro LTDA, 1998.
- ORLANDI, E. P. À flor da pele: indivíduo e sociedade. In: MARIANI B. (org.). *A escrita e os escritos: reflexões em Análise do Discurso*. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 21-30.
- ORLANDI, E. P. *Autoria, Leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas: Pontes Editores, 2012.
- ORTNER, S. B. 1979. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: ROSALDO, M. Z. & LAMPHERE, Le (org.). *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 95-120.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi et all. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.
- TEIXEIRA, M. *Análise do discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem no sentido do discurso*. Porto Alegre: EDIPUCRES, 2005.
- TFOUNI, F. E. V. & TFOUNI, L. V. A mídia e a Fabricação do “bom” sujeito. In: Bernardo-Santos e Tfouni (orgs.): *Discurso, Mídia e Ensino: entrecruzamentos de abordagens*. São Cristóvão: Editora UFS, 2016. p. 165-178.